

VEREDAS: Sintaxe das Línguas Brasileiras  
Volume 18/1, 2014

### Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro<sup>1</sup>

Mary Aizawa Kato (UNICAMP/CNPq)\*  
Maria Eugênia Lammoglia Duarte (UFRJ/CNPq)\*\*

RESUMO: Neste trabalho, proporemos que o princípio ‘*Evite Pronome*’ (Chomsky, 1981), postulado para línguas de sujeito nulo consistente, pode ter uma contraparte ‘*Evite pronomes não-referenciais*’ para línguas de sujeito nulo parcial como o Português Brasileiro. Proporemos ainda que a variação entre sujeitos referenciais nulos e expressos pode ocorrer em línguas de sujeito nulo parcial, sendo isso possível no Português Brasileiro dada a natureza clítica de seus pronomes fracos sujeitos.

Palavras-chave: sujeitos referenciais; sujeitos expletivos; português brasileiro; restrições; língua de sujeito nulo parcial.

#### Introdução

Uma morfologia rica, em especial a de concordância, tem sido uma das hipóteses mais fortes na caracterização da possibilidade do sujeito nulo (doravante NS-Null Subject), (cf. Taraldsen 1979, Rizzi 1982, i.a.). Todavia, essa hipótese perde sua generalização quando línguas como o chinês e o japonês, sabidamente línguas sem morfologia de concordância, exibem igualmente o fenômeno do NS. Contudo, o trabalho seminal de Huang (1984, 1989) sobre categorias vazias, tanto na posição de sujeito quanto na de objeto, oferece uma solução: enquanto em línguas como o italiano e o português europeu o identificador do NS está em um “controlador interno”, que é a concordância, no chinês e no japonês, o lugar do controlador está além da sentença. No primeiro caso a identificação de *pro* se dá via concordância pronominal, enquanto no segundo caso, a identificação do NS se dá via correferência.

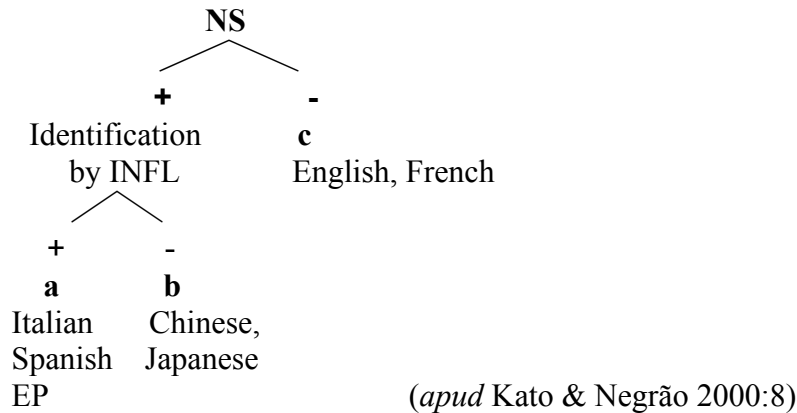
---

\* Bolsa de Produtividade do CNPq: 305515/2011-0).

\*\* Bolsa de Produtividade do CNPq (305774/2010-7).

<sup>1</sup> Agradecemos a leitura cuidadosa e os comentários dos colegas João Morais, Raquel Santos e Maria Cristina Figueiredo Silva, em especial em relação à seção das restrições prosódicas, hipótese que acabamos abandonando neste trabalho.

Kato e Negrão (2000) representam essas possibilidades, subparametrizando o parâmetro inicial:



**Figura 1**

O Português Brasileiro (PB) vem mostrando um declínio na ocorrência do sujeito nulo referencial definido ao contrário do que revela o Português Europeu (PE) (cf. Duarte 1993, 1995; Duarte, Kato e Barbosa, 2001).

- (1) a. [Minha esposa]<sub>i</sub> trabalha na Embratel. **Ela<sub>i</sub>** ganha bem, mas eu acho que **ela<sub>i</sub>** devia ganhar mais porque **ela<sub>i</sub>** merece. PB
- b. **Ele<sub>i</sub>** quer pescar tudo;  $\emptyset$ <sub>i</sub> quer sempre arranjar umas taças. E  $\emptyset$ <sub>i</sub> tem tido sorte com isso, porque  $\emptyset$  já teve três (taças) e eu inda só tive uma, que foi nesse concurso. PE

A pergunta principal que se coloca neste trabalho é: estaria o PB mudando para uma língua de sujeito não nulo (-NS) como aconteceu com o francês? Ou estaria mudando para uma língua como o chinês? Ou ainda, estaria se convertendo em uma língua “parcialmente pro-drop” como proposto em Holmberg, Nayudu e Sheehan (2009)?

O trabalho mostrará que o PB tem características do francês, no sentido de os pronomes sujeito, quando expressos, serem pronomes fracos, mas também mostrará que quando o nulo é mantido em contexto de anáfora, ele tem características do nulo logofórico do chinês. O trabalho conclui que o PB é uma língua de sujeito nulo parcial, no sentido de Holmberg, Nayudu e Sheehan (2009), mas esta não obedece a uma tipologia uniforme.

## 1. Uma proposta para a direcionalidade da mudança: Cyrino, Duarte e Kato (2000)

O início da mudança no PB parece estar relacionado ao enfraquecimento do sistema flexional verbal, que, tal como ocorreu com o francês antigo, reduziu o número de oposições a três ou quatro desinências verbais. Ao contrário, porém, do que ocorreu com o francês, essa redução se deveu não só a processos fonológicos mas também a mudanças no quadro pronominal,

com a inserção de *você*, antiga forma de tratamento hoje plenamente gramaticalizada e utilizada em variação com *tu* em boa parte do território nacional, e do pronome *a gente*, igualmente oriundo de uma expressão nominal, que hoje substitui o pronome *nós* no português brasileiro, particularmente na fala de gerações mais jovens:<sup>2</sup>

Pessoa	Pronomes	Século XIX	Século XX/1	Século XX/2
1ps	eu	estudo	estudo	<b>estudo</b>
1pp	nós a gente	estudamos .....	estudamos estuda	estudamos <b>estuda</b>
2ps	tu você	estudas estuda	estudas estuda	<b>estuda(s)</b> <b>estuda</b>
2pp	vós vocês	estudais estudam	..... estudam	..... <b>estuda(m)</b>
3ps	ele, ela	estuda	estuda	<b>estuda</b>
3pp	eles, elas	estudam	estudam	<b>estuda(m)</b>

**Tabela 1:** Pronomes nominativos no português brasileiro.

O que resultou dessa mudança, segundo Duarte (1995), é principalmente a não-obediência ao princípio "Evite pronome" ("Avoid pronoun", cf. Chomsky, 1981), que explica a presença de pronomes em contextos como os que aparecem em (2), em variação com as formas em (3), estas só possíveis em línguas prototipicamente +NS, como o PE.

- PB
  - (2) a. **Eu** falo o dialeto paulista.
  - b. A Maria, **ela** fala bem no microfone.
  - c. **Ele** chegou cedo, o menorzinho.
  - d. A Maria<sub>i</sub> disse que **ela**<sub>i</sub> esteve doente.
- PE, %PB<sup>3</sup>
  - (3) a.  $\emptyset$  falo o dialeto paulista.
  - b. A Maria,  $\emptyset$  fala bem no microfone.
  - c.  $\emptyset$ <sub>i</sub> chegou cedo, o menorzinho<sub>i</sub>.
  - d. A Maria<sub>i</sub> disse que  $\emptyset$ <sub>i</sub> esteve doente.

Todavia, embora os estudos quantitativos dos sujeitos referenciais endossem o ponto de vista de que a possível variação seria resultante da mudança em curso de uma língua +NS para –NS, os sujeitos não referenciais levantam um problema para o PB, uma vez que um pronome expreso não é possível em construções impessoais (exs. (5)), ao contrário do que ocorre no francês (FR) ou em uma variedade do espanhol dominicano (ED) de hoje.

<sup>2</sup> Sobre a inserção de *a gente* e *você* no nosso sistema pronominal, ver, entre muitos outros, Omena (1986;1996), Menon (1994;1996), Lopes (2003) e Lopes e Cavalcante (2011); para uma síntese dos diversos estudos dos subsistemas de tratamento identificados no PB, ver Scherre *et al.* (no prelo).

<sup>3</sup> Estamos usando o sinal % para as formas menos frequentes.

- (4) a.  $\emptyset_{\text{gen}}$  Não usa mais saia. (Galves, 1987)  
 b.  $\emptyset_{\text{gen}}$  Conserta sapato. (Nunes, 1990)
- (5) a.  $\emptyset_{\text{expl}}$  Está querendo chover.  
 b.  $\emptyset_{\text{expl}}$  Parece que não tem açúcar.  
 c.  $\emptyset_{\text{expl}}$  Tem muitas mangas na Bahia.
- (6)<sup>4</sup> a. *Ici, **on** répare les chaussures.* FR  
 b. ***On** ne met plus de jupe.* FR
- (7)<sup>5</sup> a. ***Ello** quiere llover.* ED  
 b. ***Ello** parece que no hay azúcar.* ED  
 c. ***Ello** hay muchos mangoes este año.* ED

Para dar conta desse licenciamento seletivo do sujeito nulo no PB, Cyrino, Duarte e Kato (2000) propõem que a mudança que envolve categorias vazias se dá, não de forma abrupta, mas ao longo de uma hierarquia de referencialidade, na qual a primeira e segunda pessoas, com o traço inerentemente [+hum], ocupam as posições mais altas e o expletivo, isto é, a terceira pessoa, sem traços de pessoa, a posição mais baixa. Isso leva a crer que, eventualmente, o PB poderia vir a desenvolver um expletivo lexical ao final da mudança.

Nosso objetivo é reapresentar aqui o percurso da mudança à luz da hierarquia referencial proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000), com novos dados, e mostrar que o PB sincrônico apresenta também propriedades morfossintáticas adicionais.

Na seção 2 apresentaremos o percurso da mudança e a hipótese da Hierarquia da Referencialidade; na seção 3 discutiremos a natureza dos “resíduos” do sujeito nulo (NS) no PB contemporâneo, ou seja o tipo de língua em que o PB está se configurando; na seção 4 apresentaremos uma proposta para dar conta do fenômeno na gramática atual do PB.

## 2. Pronomes e a hierarquia da referencialidade

Cyrino, Duarte e Kato (2000), estudando o declínio dos sujeitos nulos, de um lado, e o desenvolvimento progressivo do objeto nulo, de outro<sup>6</sup>, concluem que a referencialidade tem uma relevância altamente preditiva na pronominalização. Para uma língua que tem uma opção interna para variantes nulas ou não-nulas, um fator forte para a seleção de uma forma ou outra é o estatuto referencial do referente.

Segundo essa hierarquia, argumentos [+N, +humano] estão no extremo mais alto na hierarquia referencial, enquanto não-argumentos estão na posição mais baixa. Com relação aos pronomes, o falante (*eu*) e o interlocutor (*você*), sendo inerentemente argumentos humanos, primeira e segunda pessoas pronominais, estão no ponto mais alto na hierarquia; a terceira pessoa se situa num ponto mais baixo, devido à interação de traços [+/-humano] e [+/-específico]. O sujeito

<sup>4</sup> Agradecemos a Charlotte Galves pela tradução para o francês.

<sup>5</sup> Cf. Toribio (1996).

<sup>6</sup> Sobre a implementação do objeto nulo, cf. o estudo diacrônico de Cyrino (1994).

que se refere a uma proposição (o sujeito neutro) está numa posição ainda mais baixa. No ponto mais baixo da hierarquia estão os sujeitos não referenciais:

### I. Hierarquia Referencial

não-argumento	proposição	3p. ±humano ±específico	2p.1p. +humano
[-ref] < ----- > [+ref.]			

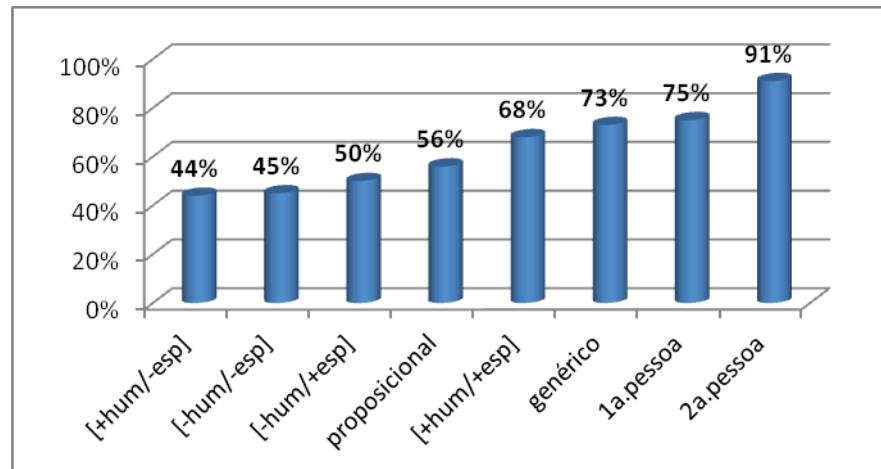
(*apud* Cyrino, Duarte & Kato, 2000:59)

As autoras propõem, a partir dessa generalização, as seguintes hipóteses relativamente à distribuição do NS:

### II. Hipótese do Mapeamento Implicacional

- quanto mais referencial, maior a possibilidade de um pronome não-nulo.
- uma variante nula em um ponto específico da escala implica uma variante nula à sua esquerda, na hierarquia referencial.

Os resultados obtidos por Duarte (1995) e revistos em Duarte (2012) para a realização fonética dos sujeitos “referenciais” na fala culta carioca podem ser observados no Gráfico 1:



**Figura 1:** Sujeitos expressos (vs nulos) ao longo da hierarquia referencial.

A primeira e a segunda pessoas, como previsto pela hierarquia, constituem o contexto mais prontamente afetado pela mudança, alcançando, respectivamente, 91% e 75% de sujeitos expressos, como mostram (8) e (9):

- (8) a. **Você** me disse que **você** está morando em Copacabana.
- b. Ø<sub>2ps</sub> Nunca ouviu falar nele?

- (9) a. Mesmo que **eu** não fizesse o pré-vestibular, **eu** acho que **eu** passaria por causa da base que **eu** tinha.  
b.  $\emptyset$  Não gosto de boxe.

Índice semelhante é obtido pelos sujeitos de referência genérica (73%), que partilham o mesmo traço inerentemente [+humano] com a primeira e segunda pessoas, sendo representados principalmente por *você* e *a gente*, em variação com o sujeito nulo com a mesma referência, mencionado em (4) acima<sup>7</sup>.

- (10) a. Quando **você** é menor, **você** não dá muito valor a essas coisas.  
b. Mas na época **a gente** não podia acreditar...**a gente** não acreditava nisso primeiro porque **a gente** era novo.  
c.  $\emptyset_{gen}$  Não vê mais amolador de faca.  
d. Antigamente  $\emptyset_{gen}$  punha a mesa pra tomar lanche.

Enquanto o nulo genérico é estável nas três faixas etárias examinadas por Duarte (1995), sempre abaixo de 20% de ocorrências, o uso de *você* cresce entre os grupos mais jovens.

Na terceira pessoa, em que interagem os feixes de traços [+/-humano] e [+/-específico], mais uma vez a hierarquia referencial se mostra relevante: se o sujeito é [+hum/+esp], sua realização fonética alcança 68%:

- (11) a. **Ela<sub>i</sub>** é uma pessoa que ajuda os outros pra caramba. **Ela<sub>i</sub>** não ficou solteira porque não apareceu pretendente. **Ela<sub>i</sub>** ficou solteira porque **ela<sub>i</sub>** quis.  
b. Mas **ele<sub>i</sub>** sentiu [que  $\emptyset<sub>i</sub>$  era o único ali novo, casado, recém-casado]  
c. Minhas filhas são muito folgadas.  $\emptyset<sub>i</sub>$  Gostam de uma piscina.

Os referentes situados em pontos mais baixos na hierarquia são os proposicionais, que alcançam na amostra 56% de uso de pronome neutro *isso*, numa acirrada competição com o sujeito nulo, o mesmo ocorrendo com a combinação de traços [-hum/+esp], com 50%, como mostram (12) e (13), respectivamente:

- (12) a. [**O que é bom em Paris?**]<sub>i</sub> Olha **isso<sub>i</sub>** é uma coisa difícil de definir. Eu não sei por quê. (**isso**= o que é bom em Paris)  
b. Eu fiz até algumas tentativas de caminhar porque eu gosto [**de caminhar pela manhã pela redondeza**]<sub>i</sub>, mas  $\emptyset<sub>i</sub>$  é absolutamente impossível! impossível não!  $\emptyset<sub>i</sub>$  é desagradável ( $\emptyset$  = caminhar pela redondeza)
- (13) a. [**A casa**]<sub>i</sub> virou um filme quando **ela<sub>i</sub>** teve de ir abaixo.  
b. [**Nova Trento**]<sub>i</sub> é do tamanho da rua São Clemente de Botafogo. **Ela<sub>i</sub>** é desse tamanho. **Ela<sub>i</sub>** não tem paralela.  
c. **O Rio de Janeiro<sub>i</sub>** é uma beleza! Realmente  $\emptyset<sub>i</sub>$  é uma cidade linda.

<sup>7</sup> Cf. Cavalcante (2007), Lunguinho e Medeiros Junior (2009) para uma análise dessas estruturas.

Quando, entretanto, o traço [-esp] entra em jogo, o sujeito nulo ainda se encontra em vantagem na amostra analisada – os referentes [-hum/-esp] e os [+hum/-esp] se mostram os mais resistentes à pronominalização, com 45% e 44% de pronomes expressos, respectivamente:

- (14) a. [**Um trabalho sério**]<sub>i</sub>; **ele**<sub>i</sub> tem que começar por aqui.  
 b. [**O armazém**]<sub>i</sub> é uma espécie de...quer dizer, acho que  $\emptyset$ <sub>i</sub> já é extinto.
- (15) a. **O cara**<sub>i</sub> já fez todas as matérias. **Ele**<sub>i</sub> não pode fazer de novo. Então tem algumas matérias do profissional que **ele**<sub>i</sub> pode fazer. **Ele**<sub>i</sub> pode puxar as matérias.  
 b. Ah, não pode ser assim, porque **o aluno**<sub>i</sub> [quando  $\emptyset$ <sub>i</sub> vem pro vestibular] não sabe exatamente o que  $\emptyset$ <sub>i</sub> quer. Isso é um absurdo porque [**o cara**]<sub>i</sub> [quando  $\emptyset$ <sub>i</sub> vai fazer engenharia] **ele**<sub>i</sub> sabe exatamente o que **ele**<sub>i</sub> vai fazer...

Quanto às sentenças impessoais, o PB continua a exibir um expletivo nulo, mas em variação com um tipo de construção pessoal:

- (16) a.  $\emptyset$ <sub>expl</sub> **chove** muito nessas florestas.  
 b. **Essas florestas** chovem muito (redação de vestibular).

Resumindo, a hierarquia de referencialidade prediz, parcialmente, o que ocorre com os dados, isto é, onde ainda podemos ter nulos sem restrição. Podemos dizer que o PB é pautado não pelo princípio “Evite Pronome”, mas pelo princípio parcial “Evite pronomes referencialmente deficientes”.

A diferença entre a abordagem de Duarte (1995) e a de Cyrino, Duarte & Kato (2000) é que naquela, que só analisou sujeitos referenciais definidos e genéricos, a expectativa era a de que a mudança no PB só deveria cessar quando este se tornasse como o francês ou o espanhol dominicano, línguas -NS. A proposta de Cyrino, Duarte & Kato não faz tal previsão, aceitando gramáticas estáveis, que fazem cortes diferentes na hierarquia.

Para Holmberg, Nayadu e Sheehan (2009), as chamadas línguas parcialmente NS, como o finlandês, o PB e o Marathi, apresentam o sujeito nulo em sentenças genéricas e em construções encaixadas complementos. Note-se que Cyrino, Duarte & Kato (CDK) preveem o nulo genérico, mas não preveem o nulo em sentenças complemento. Além disso, CDK fazem uma previsão forte para os expletivos nulos, enquanto os autores acima citados não levantam essa característica, já que o finlandês dispõe de um expletivo lexical.

Na seção seguinte, iremos examinar os chamados “resíduos” do sujeito nulo e uma possível análise de sua natureza.

### 3. O NS em sentenças encaixadas em variação com sujeitos pronominais

Um contexto que vem merecendo a atenção dos linguistas pela possibilidade da ocorrência do NS são as encaixadas-complemento, ilustradas em (17), para as quais apenas uma leitura é possível no PB, ao contrário de línguas prototipicamente NS.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Cf. Figueiredo Silva (2000), (2008), Ferreira (2000), Rodrigues (2004) entre outros. Veja em Kato (2009) uma discussão das diferentes análises desses autores para o sujeito nulo remanescente em PB.

- (17) a. O João<sub>i</sub> disse que  $\emptyset_{i/*j}$  comprou um carro ontem.  
 b. *Juan ha decho que  $\emptyset_{ij}$  compró um coche ayer.*

No PB, para obter a mesma leitura de outras línguas +NS, é preciso que o pronome venha expresso como no inglês:

- (18) a. O João<sub>i</sub> disse que ele<sub>ij</sub> comprou um carro novo.  
 b. *John<sub>i</sub> said that he<sub>ij</sub> bought a new car.*

A distinção fica mais clara com os dois antecedentes possíveis:

- (19) a. O João<sub>i</sub> disse que  $\emptyset_i$  comprou um carro novo.  
 b. O Pedro<sub>j</sub>, o João<sub>i</sub> disse que  $\emptyset_j$  comprou um carro novo. \*PB

Veja que tanto *João* quanto *Pedro* são igualmente referenciais na hierarquia proposta acima, mas o nulo do PB, ao contrário do espanhol, por exemplo, não pode ter o tópico como seu antecedente.

Em Kato (1976), revisto em Kato (2009), foi proposto que o NS do PB é um pronome logofórico, ligado, portanto, ao discurso direto (cf. Kuno, 1987). A terceira pessoa do discurso indireto pode ser a conversão da primeira pessoa do discurso (20b), da segunda pessoa do discurso (21c), ou pode ser a **própria** terceira pessoa do discurso (22), caso em que não pode se manifestar como nulo, isto é, somente pronomes logofóricos (*eu* e *você*) podem ter a representação nula em discurso indireto.

- (20) a. O Pedro disse : “(Eu) estou com fome”  
 b. O Pedro<sub>i</sub> disse que (ele<sub>i</sub>) estava com fome.
- (21) a. O Pedro perguntou pra Maria: “ (Você) está com fome?”  
 b. O Pedro perguntou pra Maria<sub>i</sub> se (ela<sub>i</sub>) estava com fome.
- (22) a. A Maria<sub>i</sub> falou : “ \*(Ela<sub>k</sub>) está com fome “  
 b. A Maria<sub>i</sub> falou que \*(ela<sub>k</sub>) estava com fome.

Em discurso direto, ou em sentença raiz, como mostram os exemplos em (a) acima, os pronomes logofóricos (falante ou ouvinte) podem ter igualmente o pronome expresso ou o NS, enquanto a terceira pessoa exige o pronome expresso<sup>9</sup>.

Se se considerar que na periferia à esquerda da sentença, onde está a projeção *Força* (Rizzi 1997), temos uma matriz performativa, fica claro que os nulos das sentenças simples (23a) e (23b) são simplesmente os logofóricos das sentenças encaixadas. Já o antecedente da terceira pessoa em (22a) não pode estar contido na matriz performativa.

- (23) a. Eu declaro: (Eu) estou cansado.  
 b. Eu pergunto a você: (Você) está cansado?

<sup>9</sup> Para Frascarelli (2007), o antecedente nesse caso é só um tópico externo.



Já vimos que no italiano os logofóricos vêm categoricamente na versão do NS, enquanto no PB eles aparecem como NS ou preferencialmente como pronominais. Vejamos agora como eles se manifestam no japonês, em que essa variação não ocorre<sup>10</sup>: o que temos nessa língua é o nulo categórico, isto é, o princípio “Evite Pronome” é rigidamente seguido, como no italiano.

- (24) a. **Eu** disse que (**eu**) cheguei tarde ontem.  
 b. *Boku<sub>i</sub>-wa kinoo Ø<sub>i</sub>/\*boku ossoku kaeta-to yuta.*  
 eu top ontem eu-nom tarde voltei-comp disse  
 c. *Ø<sub>i</sub> Ho detto che Ø<sub>i</sub>/\*io sono arrivato tardi ieri*
- (25) a. O João<sub>i</sub> disse que (**ele<sub>i</sub>**) chegou tarde ontem.  
 b. *Jun<sub>i</sub>-wa[kinoo Ø<sub>i</sub> \*kare<sub>i</sub>-ga ossoku kaeta-to] yuta.*  
 João-top ontem ele-nom tarde voltou-comp disse  
 c. *Giovanni<sub>i</sub> ha detto che Ø<sub>i</sub>/\*lui<sub>i</sub> è arrivato tardi ieri*

Em (25b), se deixarmos o pronome *kare*, ele atua como o pronome forte *lui*, no italiano, e sua ocorrência só é possível se a leitura for contrastiva. A conclusão é que, no japonês, o pronome quando expresso é um pronome forte.

#### 4. O NS genérico em variação com sujeitos genéricos pronominais

Vimos que um outro resíduo do NS é o nulo genérico, que se tornou possível com o desaparecimento do *se indefinido* (Cf. Galves, 1987; Nunes, 1990). Embora uma sentença como (26a) com o NS, seja ela mesma o resultado de uma mudança, vemos aí uma competição entre ela e as variantes com os pronomes *a gente* ou *você*, nas quais se observa a não obediência ao princípio “Evite Pronome” (Kato e Tarallo, 1986; Duarte, 1995):

- (26) a. **Ø<sub>gen</sub>** não pode fumar aqui.  
 b. **A gente** não pode fumar aqui.  
 c. **Você** não pode fumar aqui.

Para Holmberg *et alii* (2009), esta é uma construção própria das línguas de sujeito nulo *parciais* mas não de línguas de NS consistentes, como o italiano e o espanhol, que exigem o clítico *se*. Para explicar essa diferença os autores recorrem ao traço [+Definido] exigido nos traços- $\phi$  das línguas de NS consistentes, traço esse não necessário nas línguas de NS parciais. A pergunta que se coloca é qual seria o traço que distingue um T com *você* segunda pessoa definida e outro com *você* genérico. Uma possível resposta seria a de termos a presença/ausência do traço definido em T, que poderia coocorrer ou não com o traço de pessoa.

O interessante é que uma sentença com sujeito genérico no japonês deve ter necessariamente o sujeito nulo, como se vê a seguir:

<sup>10</sup> Os testes com línguas de proeminência de tópico são feitos com o japonês, a primeira língua da primeira autora do trabalho.

- (27) *Kono issu-wa Ø suate-wa ikenai.*  
 esta cadeira-top Ø sentar-top pode-não  
 “Não pode sentar nessa cadeira.”

Novamente o japonês se mostra como uma língua de NS consistente enquanto o PB, que se comporta como o Finlandês, tem comportamento de língua de NS parcial. Se no japonês o pronome expresso é sempre um pronome forte, fica claro por que o pronome expresso não pode ter interpretação genérica. Assim, no PB, da mesma forma que o NS logofórico compete com o pronome logofórico, o NS genérico compete com o pronome genérico *você* e *a gente*.

## 5. O nulo expletivo em variação com construções pessoais

Conforme a previsão em CDK, os expletivos são os nulos mais baixos na hierarquia e, portanto, seriam o NS residual esperado. Contudo, vários estudos brasileiros<sup>11</sup> vêm observando que construções impessoais com expletivo nulo (exs. 28a – 32a) se alternam com construções pessoais (exs. 28b - 32b) e propiciam análises interessantes para esse fato, endossando a proposta pioneira de Pontes (1987), para quem o PB estaria se convertendo em língua de proeminência de tópico<sup>12</sup>. Observe que a competição entre expletivos nulos e construções pessoais ocorre apenas com verbos inacusativos, em que a posição de sujeito não é temática (cf. Duarte, 2004; Munhoz e Naves, 2012).<sup>13</sup>

- (28) a. Ø<sub>expl</sub> está entrando água por essas janelas.  
 b. **Essas janelas**<sub>i</sub> estão entrando água [t]<sub>i</sub>.
- (29) a. Ø<sub>expl</sub> não ocorreu nenhum problema na localidade  
 b. **A localidade**<sub>i</sub> não ocorreu nenhum problema [t]<sub>i</sub> .
- (30) a. Ø<sub>expl</sub> rachou a pele das minhas pernas.  
 b. **Minhas pernas**<sub>i</sub> racharam [a pele t]<sub>i</sub>.
- (31) a. Ø<sub>expl</sub> estourou o pneu do Hamilton.  
 b. **O Hamilton**<sub>i</sub> estourou [o pneu t]<sub>i</sub>.
- (32) a. Ø<sub>expl</sub> Faltou sorte ao meu time.  
 b. **Meu time**<sub>i</sub> faltou sorte [t]<sub>i</sub>.

<sup>11</sup> Cf., entre outros, Kato (1987, 2009), Galves (1998), Lobato (2006), Rodrigues (2004), Lunguinho (2006), (Avelar 2009), Avelar e Galves (2011), Munhoz e Naves (2012), Pilati e Naves (2012).

<sup>12</sup> Outros autores vêm endossando a tese segundo a qual o PB seria uma língua de proeminência discursiva como é o caso dos estudos de Kato (1989), Negrão (1999) e Modesto (2008), além de Negrão e Viotti (2008), que vêm trabalhando com a impessoalização de verbos transitivos.

<sup>13</sup> Acrescentem-se as construções existenciais pessoais com *ter* e outras estruturas impessoais com *ser*, *estar*, *fazer* (cf. Duarte, 2000; Callou e Avelar, 2000, entre muitos outros.)

Enquanto o expletivo nulo pode ser explicado pela hierarquia da referencialidade de CDK, essas construções pessoais não encontram nela uma explicação. Uma hipótese formal para o aparecimento dessas construções pessoais seria a mudança do PB, não de uma língua do tipo (a) para (c), como mostrado na Figura 1, mas para uma língua do tipo (b), como o chinês e o japonês. Teríamos como consequência do enfraquecimento da flexão no PB um comportamento de línguas de proeminência de tópico.

Lembremos que, segundo Chomsky (2008), os traços- $\phi$  não vêm inseridos junto a T, mas nascem em C e percolam para T. Uma hipótese interessante que usa desse pressuposto para explicar as línguas de proeminência discursiva<sup>14</sup> nos vem de Miyagawa (2004, 2010), segundo quem, em vez de apenas traços de concordância (traços- $\phi$ ) percolarem para T, o traço discursivo de foco (traços- $\delta$ ) também poderia fazê-lo:

- (33) a.  $C\phi, \delta \rightarrow T\delta \dots$  (*discourse-prominent - e.g. Japanese, Korean*)  
 b.  $C\phi, \delta \rightarrow T\phi \dots$  (*agreement-prominent - e.g. English*)

Miyagawa admite ainda que pode haver línguas mistas, em que tanto traços- $\phi$  quanto traços- $\delta$  poderiam percolar para T, como no Turco. Para Duarte e Kato (2013), contudo, essa proposta daria conta das construções de foco do PE, mas não do PB.

- (34) a. Muitas mulheres amou o João. PE  
 b. Muitas mulheres o João amou. PB

Note-se que no PE o sujeito posposto *o João* está dentro de VP e o que se move para Spec, T é o objeto. O que obedece ao EPP não é o constituinte que entra em relação de concordância com o verbo, mas o foco. No PB, por outro lado, o que obedece ao EPP é o elemento que entra em relação de concordância com o verbo, o sujeito. Logo, este é o que se encontra em Spec, T para satisfazer o EPP. O foco deverá pousar em uma projeção externa ao TP.

Para Miyagawa, o japonês não tem concordância visível, e o elemento que atende ao *Agree* é o Tópico. Se aceitarmos isso, as construções de tópico-sujeito vistas acima seriam construções em que T teria os traços de concordância para ele percolados. No PB fica claro que o tópico pode pousar onde o T teve *Agree* percolado, uma vez que o tópico no plural desencadeia a concordância no plural<sup>15</sup>.

Miyagawa discute o par de sentenças em inglês em (35), em que algo semelhante às construções expletivas e de tópico-sujeito pode coocorrer.

- (35) a. *There appeared a boy in the room.*  
 b. *A boy<sub>i</sub> appeared t<sub>i</sub> in the room.*

<sup>14</sup> O termo “proeminência de tópico” foi utilizado pelos funcionalistas (cf. Li e Thompson, 1976 e Pontes, 1987), enquanto “proeminência ou configuração discursiva” tem sido usado por formalistas (cf. Kiss, 1995; Miyagawa, 2010, entre outros).

<sup>15</sup> Em Miyagawa (2010) o autor admite uma projeção  $\alpha P$  entre o TP e o CP, onde pousariam o Tópico e o Foco. Em Pilati e Naves (2012), a aplicação dessa versão poderá ser vista.

Este é o clássico exemplo de obediência ao EPP, em que um expletivo preenche a posição do sujeito. Se em lugar de “merge” tivermos movimento, deve ser também por conta do EPP, e deve ser para Spec,T, a fim de desencadear concordância. A mesma explicação pode ser dada às sentenças com tópico-locativo no PB.

- (36) a.  $\emptyset_{\text{expl}}$  chove muito nessas florestas.  
 b. **Essas florestas** chovem muito.

A diferença entre o inglês e o PB é que, no caso do PB, em construções com verbos inacusativos, tanto genitivos quanto argumentos ou adjuntos podem ser alçados, um movimento que não se restringe aos verbos de “alçamento” que selecionam um complemento oracional. Além disso, no inglês só um DP inteiro pode ser movido, enquanto no PB se pode mover parte de um DP complexo. Note-se ainda, pelo exemplo abaixo, que não é necessário que o genitivo alçado tenha que ter uma relação de todo-parte, como supõem muitos autores. Basta haver uma relação de posse:

- (37) a.  $\emptyset_{\text{expl}}$  Estourou o pneu do Hamilton.  
 b. [**O Hamilton**]<sub>i</sub> estourou [o pneu t<sub>i</sub>].

Varias propostas interessantes foram feitas sobre a derivação de cada uma dessas construções pessoais, mas não pretendemos apresentar aqui uma discussão sobre elas<sup>16</sup>. Nosso objetivo é tentar compreender o fenômeno da mudança, uma vez que a proposta da Hierarquia da Referencialidade não dá conta de entender todos os casos de variação existentes. O problema crucial é a questão da variação sintática. Por que, se existe o NS, há preenchimento do sujeito, seja por pronome, seja por alçamento de algum constituinte? Se “merge” é mais econômico do que movimento (Chomsky 1995) por que inovamos através de movimento? Como uma sentença com o sujeito preenchido por pronome se relaciona com uma sentença pessoal de tópico/sujeito?

## 6. A variação de sujeitos referenciais nulos e expressos

### 6.1. Restrições prosódicas na seleção de padrões sentenciais

Segundo Adams (1987) a perda do NS no francês antigo deveu-se à perda do padrão V2 dessa fase e a perda deste padrão se deveu a fatores prosódicos. A pergunta que se coloca é se não haveria algum condicionamento prosódico que leva o PB a dar preferência a padrões sentenciais que preenchem a posição do sujeito, evitando o verbo em primeira posição, ou V1.

Note-se que, em todos os casos de variação examinados, tivemos sempre uma variante com V1, com verbo em primeira posição, e outra com V2, com o verbo em segunda posição. O padrão nada tem a ver com a sintaxe das línguas germânicas V2, caracterizadas como tendo

<sup>16</sup> Cf., por exemplo, as propostas de Lunguinho (2006), Avelar & Cyrino (2008), Avelar (2009), Avelar e Galves (2011), Lobato (2012), Munhoz e Naves (2012), Pilati e Naves (2012).

movimento do Verbo para C e com um constituinte se movendo para Spec, C. No PB o preenchimento antes de V é em Spec, T.

No Projeto do Português Culto Falado, uma das conclusões a que se chegou foi que o PB falado evita deixar a posição antes do verbo vazia (Kato 2002), como ilustramos em (38):

- | V1                           | V2                                  |
|------------------------------|-------------------------------------|
| (38) a. %Durmo cedo.         | a'. <b>Eu</b> durmo cedo.           |
| b. Conserta sapato(s).       | b'. <b>Aqui</b> conserta sapato.    |
| c. %Vira à esquerda.         | c'. <b>Cê</b> vira à esquerda.      |
| d. %Dormem ali os meninos.   | d'. <b>Ali</b> dormem os meninos    |
| e. Chove em São Paulo.       | e'. <b>São Paulo</b> chove.         |
| f. Furou o pneu do Hamilton. | f'. <b>O Hamilton</b> furou o pneu. |
| g. Xinguei o cara.           | g. <b>Daí</b> xinguei o cara.       |

O padrão V(X)S (cf.38d) não ocorre, mas se houver algum elemento antes, ele pode ocorrer, como em (cf.38d'). Se nenhum constituinte sintático ocorrer antes do verbo, algum preenchedor discursivo ali ocorrerá, como no exemplo (38g). A conclusão foi que o PB não é uma língua V2, mas uma língua de efeito V2, ditado pela prosódia. Note-se que o elemento que impede o padrão V1 não precisa ser um XP, podendo ser um núcleo, como se observa no PB falado, o que explica por que na língua escrita a restrição ao NS parece não existir.

- (39) a. **não** sei exatamente se ele tem noção de tempo.  
 b. **só** assistiu três vezes?  
 c. **já** apareceu no escritório.

A solução proposta em Kato (2002) e Duarte e Kato (2013) para o PB falado é que teríamos, ao lado da restrição “Evite pronome referencialmente deficiente” em Forma Lógica, a restrição “Evite V1” em Forma Fonética. Qualquer uma das restrições nas interfaces poderia ser violada, mas haveria uma gradação de aceitabilidade conforme as duas restrições sejam respeitadas ou apenas uma.

Uma tentativa de buscar evidências quantitativas para essa proposta de Kato (2002) foi feita por Duarte (em preparação), com base na amostra de fala culta (NURC-RJ), analisada em Duarte (1995), com uma investigação dos sujeitos de terceira pessoa. Separadas as 391 ocorrências de sujeitos de terceira pessoa **em sentenças raízes**, foram atestados 226 (58%) sujeitos expressos e 165 (42%) nulos, um resultado que confirma a maior resistência da terceira pessoa em relação à primeira e segunda, desde que haja um antecedente na função de sujeito de uma sentença matriz (no caso dos nulos em encaixadas) ou o sujeito da oração adjacente (Cf. Barbosa, Duarte e Kato, 2005), estrutura que aqui nos interessa e é ilustrada em (40):

- (40) a. essa meninas que são super presas e tal, [a mãe delas]<sub>i</sub> é ..., é da onde? [Ø]<sub>i</sub> É de Fortaleza, eu acho...  
 b. [O Rio]<sub>i</sub> está melhor do que no tempo do Saturnino Braga. [Ø]<sub>i</sub> Está melhor, não tá?  
 c. Mesmo [aquela minha rua]<sub>i</sub> era tão gostosa. [Ø]<sub>i</sub> Tinha casarões lindos...

- (41) a. Outro que apareceu agora esse ano, né, do PT, que é [o Vicentinho]<sub>i</sub>, né, está impressionando maravilhosamente bem a todos. **Ele<sub>i</sub>** é inteligente.  
 b. [Nova Trento]<sub>i</sub> é do tamanho da rua São Clemente de Botafogo. **Ela<sub>i</sub>** é desse tamanho. **Ela<sub>i</sub>** não tem paralelas.

Um exame das 165 ocorrências dos sujeitos nulos de terceira pessoa em relação à posição de V nos levou ao seguinte resultado:

Padrão	N / %	Exemplos
Ø V	94 (57%)	Ø <b>É</b> de Fortaleza, eu acho. Ø <b>Demitiu</b> ministros militares.
Ø Núcleo V (neg/cl/adv leve)	25 (15%)	Ø <b>Não aguentou</b> o tranco. Ø Se <b>atirou</b> de peito aberto. Ø Já <b>se formou</b> .
XP Ø V	46 (28%)	Pra mim Ø <b>tem</b> um significado absoluto. Primeiro Ø <b>ficou</b> sozinho. Só que Ø <b>tá</b> estudando biologia. Aí Ø <b>teve</b> que ser operado.
	165 (100%)	

**Tabela 2:** Sujeitos nulos em sentenças raízes segundo os padrões V1, V2.

Como mostra a tabela, um verbo em primeira posição (57%) ainda supera os casos em que um (ou mais) elementos ocorrem antes de V. Se considerarmos apenas esses 94 casos de V1, levando em conta a tonicidade do verbo, o que nos traria algum tipo de suporte para a hipótese do efeito prosódico (afinal o sujeito pronominal é um pronome fraco, funcionando como uma sílaba pretônica), eis o que os dados revelam:

Tonicidade do verbo	N / %	Exemplos
Verbos monossílabos	27 (29%)	a. Porque [muitas grandes lojas comerciais, marcas, etc] <sub>i</sub> , são daqui do Rio, né? Não é isso? [Ø] <sub>i</sub> <b>São</b> originárias daqui. b. Mas [o Jardim Chinês] <sub>i</sub> eles capricharam; [Ø] <sub>i</sub> <b>tá</b> muito bonito. c. Ela <sub>i</sub> fala que é um assassino, quem come carne, que horror aquele sangue vermelho! [Ø] <sub>i</sub> <b>tem</b> verdadeiro pavor.
Verbos com acento na primeira sílaba	29 (31%)	a. Agora, [as minhas filhas] <sub>i</sub> já são mais preguiçosas. [Ø] <sub>i</sub> <b>Gostam</b> muito de uma piscinazinha b. Ela <sub>i</sub> tem um vestuário que é, que é, padrão, né. [Ø] <sub>i</sub> <b>Serve</b> para vários propósitos
Verbos com acento na segunda sílaba	27 (29%)	a. [O estado] <sub>i</sub> ficou só um mês em greve. [Ø] <sub>i</sub> <b>Entrou</b> e saiu sem qualquer definição... b. Ela <sub>i</sub> gosta de fazer, uma macarronada. [Ø] <sub>i</sub> Tem gosto. [Ø] <sub>i</sub> <b>Aprende</b> com as amigas
Verbos com acento na terceira sílaba	11 (12%)	a. Ele <sub>i</sub> tinha o quê? Vinte e seis, vinte e sete anos... [Ø] <sub>i</sub> <b>Trabalhava</b> no antigo EDN; b. Geisel <sub>i</sub> era realmente um todo poderoso presidente da república. [Ø] <sub>i</sub> <b>Demitiu</b> ministros militares, prendeu outros, não deu bola pra ninguém, pra ninguém, mas verdade se diga: [Ø] <sub>i</sub> <b>conseguiu</b> debelar a tortura.
	94 (100%)	

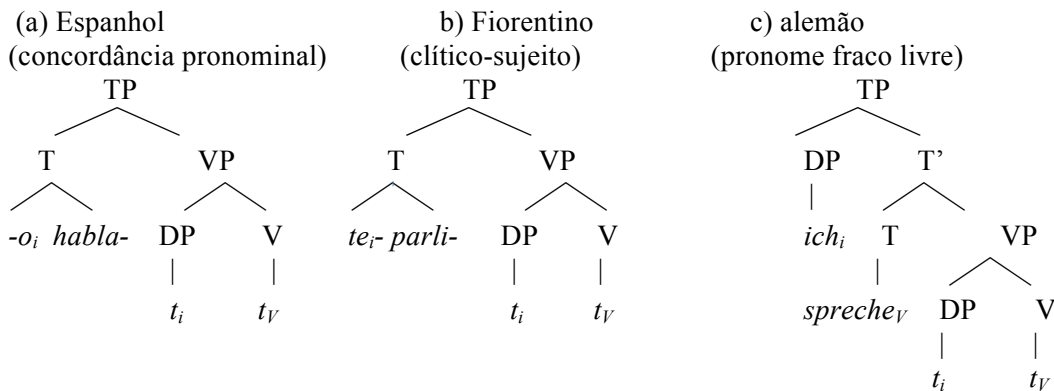
**Tabela 3:** Distribuição dos casos de sujeitos nulos no padrão V1 segundo a tonicidade do verbo.

Mais uma vez, nossa hipótese não é confirmada pelos dados, que se distribuem entre verbos monossílabos e verbos com acento na primeira sílaba (60%), de um lado, e verbos com acento na segunda e terceira de outro. Isso nos leva a um fato já apontado em Duarte (1995): a importância da observação do efeito da mudança no “tempo aparente”. Observando apenas esses contextos de raiz com sujeitos nulos através das três faixas etárias dos indivíduos que compõem a amostra, vemos que a faixa mais alta (acima de 56 anos) é responsável pelos índices mais altos de sujeitos nulos em qualquer dos padrões prosódicos formulados (47% em média), seguida pela faixa intermediária (entre 36 e 56 anos), com 39%, e, finalmente, pelos mais jovens, entre 25 e 35 anos, com 14%.

A falta de confirmação das evidências fonológicas, portanto, nos leva a considerar uma outra hipótese, a ser apresentada em 5.2.

## 6.2. Restrições morfossintáticas na distribuição de sujeitos nulos

Kato (1999) propôs que, enquanto nas línguas de NS consistentes o EPP era satisfeito morfologicamente, com o afixo em adjunção a T, nas línguas -NS, o EPP era satisfeito em Spec,TP, como o alemão e o inglês. Línguas, como o Fiorentino, que conta com sujeitos clíticos, teriam o sujeito adjungido a T:



(apud Kato 2000)

Figura 2

Naquele trabalho, foi proposto que o PB perdeu a concordância pronominal, mas adquiriu **pronomine fracos sujeitos como no alemão**.

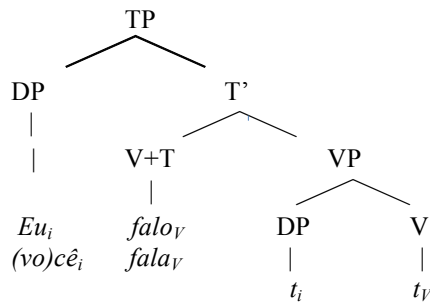


Figura 3

Independentemente, Nunes (1990) havia mostrado que os pronomes sujeito do PB são quase-clíticos, isto é, pronomes fracos. Veja comparação dos pronomes fortes do PB com os fracos:

(42)	EU	[ô]
	VOCÊ	[cê]
	ELE	[ei]
	VOCÊS	[ceis]
	ELES	[eis]

Sabemos que os clíticos também se adjungem a T e podemos propor, então, que em vez de subirem para Spec, TP, os pronomes-sujeitos fracos se adjungem a T. A diferença entre o PB e línguas de NS consistentes é que o que se adjunge a T nessas últimas é um sufixo, enquanto no PB é um clítico em próclise.

- (43) a. Ô vou  
 b. Cê entra.  
 c. Ei chegou agora.

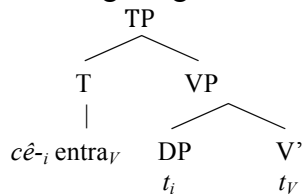


Figura 4

O que parece ocorrer é que, o sujeito pode ser elidido, nessas circunstâncias, como outros clíticos no PB (cf. (44))<sup>17</sup>, especialmente quando há outros adjuntos.

- (44) João comprou um livro e me (o) deu.

<sup>17</sup> Holmberg (2005) e Roberts (2010) propuseram que nas línguas de sujeito nulo parcial, este aparecia via apagamento, e nossa análise é condizente com a proposta deles.



- (45) a. (Ô) já vou  
 b. (Cê) não entra.  
 c. (Ei) só chegou agora.

Resumindo, o PB respeita o EPP seja movendo um DP para a posição de Spec,TP (exs (28)-(32)), ou movendo um elemento fraco para uma posição em adjunção a T, a menos que haja outros adjuntos, situação em que o pronome fraco pode ser apagado como em (45).

Como consequência, podemos ter a subida simultânea de um DP para o Spec,T e o pronome fraco para a posição em adjunção a T, resultando no frequente redobro do sujeito:

- (46) a. O Pedro, [ei] vem amanhã.  
 b. Você, [cê] me paga.

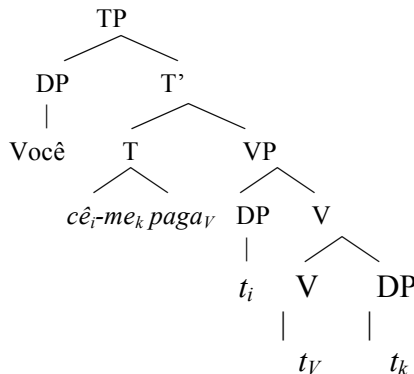


Figura 5

## Considerações Finais

Neste trabalho, procuramos mostrar que a sintaxe do PB vem mudando e que a variação exibida não é apenas efeito de uma mudança em curso, mas que ela pode ser explicada como propriedades de uma gramática estável caracterizável em termos de restrições semânticas de referencialidade e de propriedades morfossintáticas.

Verificou-se, no PB, em primeiro lugar, que quanto mais referencial é o sujeito maior a expectativa de um pronome expresso. Utilizou-se a proposta da “hierarquia da referencialidade” de Cyrino, Duarte e Kato (2000), tomando-se referencialidade como uma propriedade gradiente do mais específico para o menos específico, sendo os menos específicos aqueles itens não dotados do traço [+humano]. A restrição ao pronome expresso, postulada em Chomsky através do princípio “Evite pronome” para línguas de sujeito nulo, como o italiano, teria uma contraparte “Evite pronomes não-referenciais” para línguas de sujeito nulo parciais como o PB, ambas as restrições em FL.

Verificou-se ainda que, no caso dos sujeitos referenciais, o sistema permite uma variação entre o sujeito nulo e o sujeito expresso. A primeira saída foi postular na FF uma restrição ao verbo em primeira posição: “Evite V1”. Mas na falta de argumentos fonológicos para essa proposta, partiu-se para uma explicação morfossintática. Tentou-se, então, ligar a pouca

frequência de padrões V1 à exigência do EPP, ora movendo-se um DP ao Spec, TP ora adjungindo-se um pronome fraco ou outros elementos clíticos ao domínio de T. Baseou-se aí na proposta de Kato (1999) de que os pronomes sujeito no PB são pronomes fracos, quase-clíticos, o que os leva a se moverem para a posição de adjunção a T, podendo co-ocorrer com outros adjuntos. A presença destes favoreceria o seu apagamento em FF.

### **Constraints on the distribution of null subjects in Brazilian Portuguese**

**ABSTRACT:** In this paper, we will propose that Chomsky's (1981) "Avoid Pronoun" principle, postulated for consistent Null Subject languages, can have a counterpart "Avoid non-referential pronouns" for partial Null Subject languages like Brazilian Portuguese. We will also propose that variation between null subjects and overt subjects can occur in partial Null Subject languages, and this is possible in Brazilian Portuguese due to the nature of the subject pronouns, which are weak, clitic-like pronouns.

**Keywords:** referential subjects; expletive subjects; Brazilian Portuguese; constraints; partial Null Subject language

### **REFERÊNCIAS**

ADAMS, M. *Old French, Null Subjects and Verb Second Phenomena*. Tese de Doutorado, UCLA, 1987.

AVELAR, J. Inversão locativa e sintaxe de concordância no português brasileiro. *Matraga*, v. 16, p. 232-252. 2009.

AVELAR, J. e CYRINO, S. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, v. 4: 55-76. 2008

AVELAR, J. e GALVES, C. Tópico e concordância em português brasileiro e português europeu. In: Costa, A; Falé, I.; Barbosa, P. (Orgs.) XXVI ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA. TEXTOS SELECIONADOS. Lisboa: APL, p. 49-65. 2011.

BARBOSA, P.; DUARTE, M. E. L. e KATO, M. A. Null subjects in European and Brazilian Portuguese, *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4 (2), p. 11-52. 2005.

CALLOU, D. e AVELAR, J. Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil, *Revista Gragoatá*, v. 9, p85-100, 2001.

CAVALCANTE, S R. de O. O sujeito nulo de referência indeterminada na fala culta carioca. *Revista Diadorim*, v. 2, p. 63-81, 2007.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. On phases. In: Freidin, R.; Otero, C. and Zubizarreta, M.L. (Eds.) *Foundational Issues in Linguistic Theory*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2008, p.133-166.

CYRINO, S. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Tese de Doutorado, UNICAMP, SP, 1994.

CYRINO, S. M.L.; DUARTE, M.E. L. & KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: Kato, M.A. & Negrão, E.V. (Eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000, p. 55-104.

DUARTE, M. E.L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: Roberts, I & Kato, M.A. (Orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993, p. 107-128.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1995.

DUARTE, M. E. L. The loss of the Avoid Pronoun principle in Brazilian Portuguese. In: Kato, M.A.; Negrão, E.V. (Eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000, p. 17-36.

DUARTE, M. E. L. On the embedding of a syntactic change. *Language Variation in Europe: Papers from ICLaVE 2*, 2004, p. 145-155.

DUARTE, M. E. L. *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): Estudos diacrônicos*. São Paulo, Parábola Editorial, 2012.

DUARTE, M. E. L. A posição do sujeito no PB e a hierarquia referencial: evidências empíricas para a proeminência de tópico (Em preparação).

DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A.; BARBOSA, P. Sujeitos indeterminados em PE e PB. *Anais do II Congresso Internacional da ABRAOLIN*, vol. I, p. 405-409, 2001.

DUARTE, M. E. L.; M. A. KATO. Mudança paramétrica e orientação para o discurso. Comunicação apresentada no XXIV ENCONTRO NACIONAL DA APL, Universidade do Minho, Braga. 2008.

DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. The lack of expletives in Brazilian Portuguese. Comunicação apresentada no ENCONTRO DO GT DE TEORIA DA GRAMÁTICA, USP, 2013.

FERREIRA, M. *Argumentos nulos em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

FIGUEIREDO-SILVA, M.C. *A Posição Sujeito no Português Brasileiro*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

FRASCARELLI, M. Subjects, topics and the interpretation of referential *pro*. *Natural Language*

and *Linguistic Theory*, v. 25, p. 691-734. 2007.

GALVES, C. A Sintaxe do Português brasileiro. *Ensaio de Linguística*, v. 13, p. 31-50, 1987.

GALVES, C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP. 2001.

HOLMBERG, A. Is there a little *pro*? Evidence from Finnish. *Linguistic Inquiry*, 36: 533-64. 2005.

HOLMBERG, A.; NAYUDU, A. & SHEEHAN, M. Three partial null subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. *Studia Linguistica*, v.63(1), p. 59-97. 2009.

KATO, M. A. A elisão do pronome sujeito em português e a hipótese do discurso direto de Kuno. ATAS DO ENCONTRO NACIONAL DE LINGUÍSTICA, PUC, Rio de Janeiro. 1976.

KATO, M. A. Sujeito e Tópico: duas categorias em sintaxe? *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v.17, p. 109-132. 1989.

KATO, M. A. Strong and weak pronouns in the null subject parameter. *PROBUS*, v. 11(1), p. 1-38. 1999.

KATO, M. A. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese In Kato, M.A.; Negrão, E.V. (Eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000, p. 223-258.

KATO, M. A. La gramática del portugués hablado: reflexiones sobre el uso de la lengua. In: Curcó, C.; Colín, M.; Groult, N; Herrera, L.(Eds.) *Contribuciones a la lingüística aplicada en América Latina*. México: CELE-UNAM, 2002, p. 363-378.

KATO, M. A. O sujeito nulo revisitado no português brasileiro. In: Torres-Morais, M. A.; Andrade, M. L. O. (Orgs.) *História do Português Paulista. Série Estudos, Vol II*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2009, p. 61-82.

KATO, M. A.; TARALLO, F. Anything *you* can do in Brazilian Portuguese. In: Jaeggli, O.; Corvalán, C.S (Eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Amsterdam: Foris, 1986, p. 343-358.

KISS, K. É. *Discourse Configurational Languages*. New York/Oxford: Oxford University Press. 1995.

KUNO, S. *Functional Syntax*. Chicago/Londres: The University of Chicago Press. 1987.

LI, C-N and S. THOMPSON Subject and topic: a new typology of language. In: LI, C-N (Ed.) *Subject and Topic*. New York: Academic Press. 1976.

LOBATO, L. Sobre a questão da influência ameríndia na formação do português do Brasil. In:

- SILVA, D. E. (Ed.). *Língua, gramática e discurso*. Goiânia: Cãnone; Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste, 2006, p. 54-86.
- LOPES, Célia *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Frankfurt/Madri. Vervuert/Iberoamericana, v. 18. 2003.
- LOPES, C. & CAVALCANTE, S. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e clítico-te. *Linguística* (Madrid), v. 25, p. 30-65, 2011.
- LUNGUINHO, M. V. da S. Partição de constituintes no português brasileiro: características sintáticas. In: SILVA D.E. (Orgs.). *Língua, gramática e discurso*. Goiânia: Cãnone; Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste, 2006, p.133-147.
- LUNGUINHO, M. V. & MEDEIROS JUNIOR, P. Inventou um novo tipo de sujeito: características sintáticas e semânticas de uma estratégia de indeterminação do sujeito no português brasileiro. *Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 23, 147-191. 2009.
- MENON, Odete P. S. *Analyse sociolinguistique de l'indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil, à partir des données du NURC/SP*. Tese de Doutorado, Université de Paris VII, 1994.
- MENON, Odete P. S. A gente: um processo de gramaticalização. *Estudos Linguísticos XXV*, p. 622-628, 1996.
- MIYAGAWA. S. On the EPP. In: Richards, N.; McGinnis, M. (Eds.) *Proceedings of the EPP/Phase Workshop, MIT Working Papers in Linguistics*, p. 201-236. 2004.
- MIYAGAWA. S. *Why agree? Why move? Unifying agreement-based and discourse-configurational languages*. Cambridge, Mass: MIT Press. 2010.
- MODESTO, M. Topic prominence and null subjects. In: Biberauer, T. (Ed.) *The limits of syntactic variation*. Amsterdam: John Benjamins, 2008, p. 375-410.
- MUNHOZ, A.T.M.; NAVES, R.. Construções de Tópico-Sujeito: uma proposta em termos de estrutura argumental e de transferência de traços. *Signum: Estudos Linguísticos*, v.15 (1), p. 245-265. 2012.
- NEGRÃO E. V. *O português brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo. 1999.
- NEGRÃO, E. V.; VIOTTI, E. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (Orgs.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008, p.179-203.
- NUNES, J. Nominative pronoun reduction in Brazilian Portuguese. University of Maryland. 1990.

NUNES, J. M. *O famigerado se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

OMENA, Nelize P. de. A referência à primeira pessoa do plural. Relatório final: Subsídios do 'Projeto Censo' à Educação. Vol II, 1986, p. 286-319, UFRJ.

OMENA, Nelize P. de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA e SILVA, G. & SCHERRE, M. (Orgs.) *Padrões Sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 183-215.

PILATI, E. N. S. e NAVES, R.R. Cisão da categoria pronominal, transferência de traços de C para T e a expressão do sujeito português brasileiro. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA HISTÓRICA, 2, *São Paulo*. 2012.

PONTES, E. *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Pontes. 1987.

ROBERTS, I. A deletion analysis of null subjects. In: Biberaue, T. Holmberg, A. Roberts, I e Sheehan, M. (eds) *Parametric Variation: null subjects in Minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press. 2010

RODRIGUES, C. *Impoverished morphology and A-movement out of case-domains*. Tese de Doutorado, University of Maryland. 2004.

SCHERRE, M. M. P.; DIAS E.P.; ANDRADE C.Q.; N.G.LUCCA; G.F.MARTINS. Sobre usos dos pronomes você e tu no português brasileiro: sínteses. In: M. A. Martins; J. Abraçado; M.A. Tavares (Orgs.) *Um panorama da Sociolinguística no Brasil: teoria, descrição e análise*. São Paulo: Contexto. (No prelo).

TORIBIO, J. Dialectal Variation in the licensing of null referential expletive subjects. In: Parodi; C., Quicoli, C.; Saltarelli, M. & Zubizarreta, M.L. (Eds.) *Aspects of Romance Linguistics*. Washington, DC: Georgetown University Press. 1996.

Data de envio: 30/09/2013

Data de aceite: 03/02/2014

Data de publicação: 21/07/2014